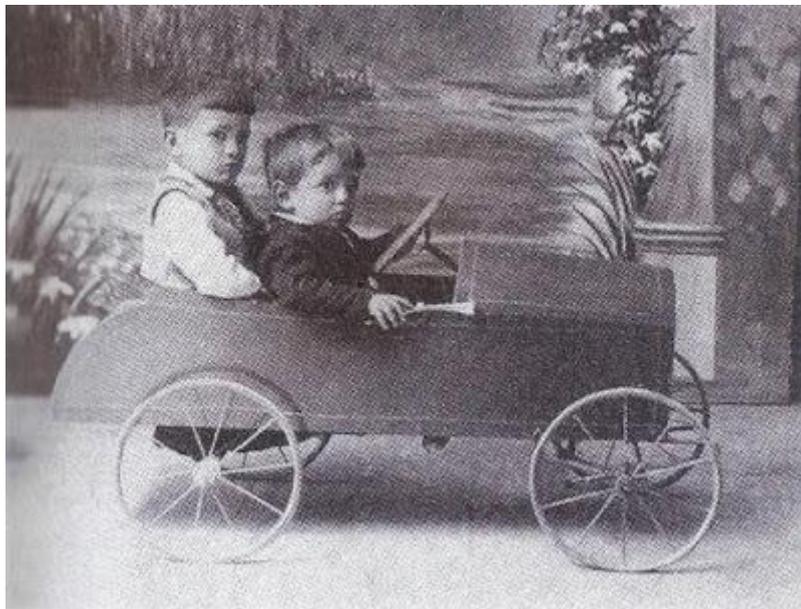


Pier Paolo Pasolini: primeiros tempos, por Mariarosaria Fabris

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 **MARIAROSARIA FABRIS PIER PAOLO PASOLINI POESIA ITALIANA** em junho 04, 2021

Para João Silvério Trevisan



Pier Paolo e Guido, seu irmão caçula

Em 21 de dezembro de 1921, em Casarsa della Delizia (na época, na microrregião de Údine, Friul), a professora primária Susanna, membro da família Colussi – uma das que haviam participado da fundação da cidadezinha, seis séculos antes, segundo reza a lenda –, casava-se com Carlo Alberto, um oficial que servia no Exército naquela localidade, descendente de um ramo secundário da nobre estirpe dos Pasolini dall’Onda, uma das mais ilustres de Ravena (Emília-Romanha), cuja fortuna havia dissipado em jogos de azar.¹

No dia 5 de março do ano seguinte, veio ao mundo o primogênito do casal, Pier Paolo, em Bolonha (capital da região paterna). Numa longa entrevista concedida a Jean Duflot em 1969, Pasolini assim descreveu suas origens e sua infância:

Nasci numa família tipicamente representativa da sociedade italiana: um verdadeiro produto do cruzamento... um produto da Unificação da Itália.

Meu pai descendia de uma antiga família da nobreza da Romanha: minha mãe, ao contrário, provém de uma família de camponeses friulanos que, com o tempo, foram ascendendo, aos poucos, à condição pequeno-burguesa. [...] A mãe de minha mãe era piemontesa, o que não lhe impediu de modo algum de ter igualmente ligações com a Sicília e a região de Roma. [...] desde a mais terna idade, fizeram de mim um nômade. Passava de um acampamento a outro, não tinha um lar estável. O tempo de nascer em Bolonha... e eis que meu pai nos transfere para Parma. Depois fomos para Conegliano, Belluno, Sacile, Idria, Cremona e outras cidades do Norte da Itália. Minha infância foi uma longa série de transferências...²

De fato, entre 1923 e 1936, a vida de Pier Paolo foi pontuada pelo deslocamento de uma cidade para outra, o que acarretou contínuos ajustes, nem sempre fáceis, a novas realidades, como ele mesmo assinalou: “por natureza, eu era inadaptável: e adaptar-me dava sempre muito trabalho, embora eu gostasse, gostasse desesperadamente”.³ Na opinião de Mathias Balbi: “O incômodo da adaptação a cada nova transferência, sem dúvida, é uma peça importante na formação íntima e poética do Pasolini adolescente, junto também com os dissídios que quebravam a unidade afetiva dos pais”.⁴ A desarmonia conjugal ficou oculta sob o manto das convenções sociais, mas marcará o pequeno Pier Paolo.⁵ Ademais, o constante convívio com estranhos o levou a alimentar o sentimento de ser diferente dos outros:

Os pequenos vendedores de edelvais de Belluno, os impúberes eslavos de Idria, os filhinhos dos operários de Sacile e dos camponeses de Casarsa haviam sido, durante a longuíssima década de minha infância, os companheiros de geração: um preparado cujo *reagente* de minha diversidade *interior*, e social, de minha delicadeza e de minha dureza permanecia insolúvel.⁶

Em Casarsa, entre junho de 1946 e dezembro de 1947, Pier Paolo manteve um diário, anotando nos *Quaderni rossi* – seis cadernos de capa vermelha, confiados ao primo Nico Naldini quando se mudou para Roma –, as lembranças dos primeiros tempos de sua vida até os vinte e cinco anos (no sexto caderno) e o relato das primeiras experiências homossexuais.⁷ O relato está na base de dois romances breves, *Atti impuri* e *Amado mio*, redigidos entre 1947 e 1950, mas publicados póstumos em 1982, num volume único: *Amado mio preceduto da Atti impuri* (*Amado meu precedido de Atos impuros*). No mesmo período, elaborou um conjunto de poesias, *Via degli amori* (1946), em que repercorria as etapas do nomadismo familiar. É a partir de algumas dessas líricas (em língua original e traduzidas), com o eventual acréscimo de outros fragmentos, que este texto ensaia seguir os passos da infância e da adolescência de Pasolini e sua evocação poética.

Em 1923, Pier Paolo está em Parma e será esta cidade da Emília-Romanha a abrir seu poema “L’Italia. Capitolo II” (1949), publicado na coletânea *L’usignolo della Chiesa cattolica* (1958):

Parma, un viale e il riso di mia madre.
Su questa breve apparizione
il crepuscolo di un’epoca felice
che rode e stinge l’oro dell’Appennino.
E tu, Italia, fai di Parma un capolavoro
di memorie bianche nelle piazze ducali,
di foglie che nei viali padani
hanno un respiro di autunni vellutati.

Parma, uma aleia, o riso de minha mãe.

Sobre esta breve aparição
o crepúsculo de uma época feliz
que corrói e desbota o ouro do Apenino.
E você, Itália, faz de Parma um primor
de memórias brancas nas praças ducais,
de folhas que nas aleias padâneas
têm um respiro de outonos aveludados.⁸



Placa afixada numa rua de Parma, com os versos iniciais de “L’Italia. Capitolo II”⁹

Guido (Guidalberto), filho caçula do casal Pasolini nasce em Belluno (Vêneto), no dia 4 de outubro de 1925. Pier Paolo assim lembrou o evento: “Na manhã em que Guido nasceu, fui o primeiro a levantar, corri para a cozinha e o vi num berço. Chispei para o quarto de minha mãe, para lhe dar a notícia. Por muito tempo, me vangloriei de ter sido o primeiro a vê-lo”.¹⁰

Em 1927, a família está de volta a Conegliano (na microrregião de Treviso), onde já havia morado em 1924. É nesta cidadezinha vêneta que, em outubro, Pier Paolo começa a frequentar o primário; o segundo ano será cursado em Casarsa, em 1928-1929. Enquanto Carlo Alberto cumpria pena no quartel por dívidas de jogo, os garotos e Susanna se mudaram para lá, onde ela voltou a exercer o magistério para driblar as dificuldades financeiras.¹¹ A cidade materna era a meta das férias familiares e, segundo Pasolini, desde a mais terna infância, como anotou num texto de 1957: “Lembro de *meu* primeiro trem: estou num compartimento de madeira com minha mãe; meu irmão, não, não estava lá. Eu tinha, portanto, menos de três anos. Mas devia ser a segunda vez que íamos a Casarsa, porque eu já tinha lembranças”.¹²

Aos sete anos, Pier Paolo escreve seus primeiros versos, ilustrando-os também. A paixão pela poesia vem se juntar à propensão para o desenho, que se manifestou quando ele tinha entre quatro e cinco anos. A família está em Sacile, às margens do rio Livenza, onde permanecerá até 1932, exceto por um breve intervalo em Idria (em 1930).¹³ No período em que vive nessas duas cidades do Friul, Pasolini completa

o primário e começa a frequentar a primeira série ginásial. Como em Sacile não havia ginásio, todo dia, bem cedo, o jovem seguia de trem até Conegliano:

Havia dias em que, no vagão grande e escuro, que corria sacudindo-se, eu estava sozinho: num canto, perto da janela impregnada de fumaça, mal fechada; e olhava nascer o sol. É verdade, eu tinha começado a escrever poesias alguns anos antes, quando ainda cursava o terceiro ano do primário: mas lá, naquelas horas, sozinho no vagão, olhando o sol nascer, tive todo o tempo e a chance de ter a confirmação dessa minha ingênua vocação, que eu considerava quase um dever.¹⁴

No meio do ano letivo 1932-1933, o pai é transferido para Cremona, opulenta localidade da Lombardia, em cuja paisagem se destacavam o Teatro Amilcare Ponchielli e o prédio vermelho da Sociedade de Regatas Baldesio, às margens do rio Pó. Cremona é a primeira grande cidade em que Pier Paolo vive e dela guardará uma lembrança vívida, como escreveu duas décadas depois:

os telhados, logo os que, durante três anos (dos dez aos treze), vi do terraço da casa de rua XX Settembre [...] ... Alameda Ciampi, os jardins públicos, a “Baldesio”, o “Ponchielli”, adentrar a rua 11 Febbraio, em cuja esquina ficava a minha casa, dura e lúcida como se fosse de metal.¹⁵

Em fins de 1935, a família Pasolini está em Scandiano (Emília-Romanha), mas o ginásio ficava em Régio da Emília, e o trem que levava Pier Paolo para a escola foi palco de novos laços sociais e da manifestação do desejo. A pulsão sexual o afasta da religião: “Senti a violência das primeiras libidos, pratiquei os primeiros atos impuros (eu era um estudantezinho de catorze anos); obedecia às minhas tendências sem julgá-las...¹⁶

A leitura de *Tre contributi alla teoria sessuale*, de Sigmund Freud,¹⁷ o ajudará a encontrar respostas às suas inquietações, às dramáticas perguntas que a reprimida orientação sexual lhe impunha. Pasolini, entretantes, havia voltado a sua cidade natal: “Linda e doce Bolonha! / Nela passei sete anos, talvez os mais bonitos...¹⁸ Alessandro Barbato descreve como foi esse reencontro:

A capital emiliana é desde sempre uma cidade cultural animada e assim Pasolini tem a chance de voltar a suas primeiras paixões: em primeiro lugar, a leitura e os livros – que estoca toda vez que vai ao Pórtico da Morte, lugar onde estão reunidas as bancas de livros usados –, mas também o futebol, que o ajuda a socializar com os garotos do lugar e a criar um discreto círculo de amigos regulares, que representará seu primeiro grupo de confidentes e colaboradores.¹⁹

De fato, foram *anos* muito felizes, de paz familiar e de novas descobertas, nas palavras do próprio Pasolini, num fragmento de seus cadernos em que fala do Pórtico da Morte e da Livraria Nanni nele sediada:

É a recordação mais bonita de Bolonha. Ela me lembra *O idiota*, de Dostoiévski, me lembra o *Macbeth*, de Shakespeare. Aos quinze anos, comecei a comprar meus primeiros livros e foi bonito demais, porque, nunca mais na vida, se volta a ler com a mesma alegria com a qual eu lia então.²⁰

Ademais, no prestigioso “Liceu Ginásio Luigi Galvani”, a primeira escola laica que Pier Paolo frequenta, depois de ter estudado sempre em colégios de padres, se consolidam e nascem novos vínculos afetivos: Luciano Serra (que ele havia conhecido no ginásio de Régio da Emília), Ermes Parini, Franco Farolfi, Elio Melli. Outros amigos desse período serão Roberto Roversi e Francesco Leonetti, que conhece na universidade e com os quais, em 1955, fundará a revista *Officina*.



Pórticos de Bolonha: o da Livraria Nanni e o do Liceu Galvani

No segundo ano do colegial, Pasolini tem uma “fulguração” que lhe abre as portas da lírica moderna. Numa aula de História da Arte, o professor substituto, Antonio Rinaldi, já na época adepto da interdisciplinaridade, lê o poema “Le bateau ivre” (“O barco ébrio”, 1871), que Arthur Rimbaud havia escrito aos 17 anos de idade: “Não vivi aquela experiência enquanto aprendiz, mas como iniciado”.²¹ E assim, as poesias de Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale e as traduções de líricos gregos de Salvatore Quasimodo começam a substituir os versos de Giovanni Pascoli, Gabriele D’Annunzio e do amado Giosuè Carducci, até então “um de seus constantes pontos de referência e de inspiração”.²²

As excelentes notas obtidas no segundo ano, levam o aplicado estudante a antecipar o *esame di maturità* (exame de conclusão do ensino médio) e, assim, aos dezessete anos, ele se matricula na Faculdade de Letras, onde o mestre Roberto Longhi o introduz à estética das artes visuais, outra paixão que o acompanhará pelo resto da vida.

Aqui termina o breve relato da infância e da adolescência de Pier Paolo. A palavra passa agora para Pasolini, um Pasolini mais maduro, que, ao evocar as perambulações daqueles anos, ainda olha com afeto para as cenas de sua vida pregressa, tentando capturar em seus versos lembranças que flutuam ao sabor da memória.

Via degli amori, (excertos)²³

Introduzione

... el vuelo! el vuelo! el vuelo!

A. Machado

A Casarsa nasceva, un giorno, il sole:

*e io dov'ero? Nella schiuma lieve
iridata del sonno, con il cuore
dentro un soave bozzolo di luce,
volavo. Estasiato, senza ali,
volavo a mezza strada tra la terra
e il cielo, volavo nella luce
delle campagne illuminate in sogno.*

Introdução

... el vuelo! el vuelo! el vuelo!

A. Machado

*Em Casarsa nascia, um dia, o sol:
e eu onde estava? Na espuma leve
iriada do sono, com o coração
dentro um suave casulo de luz,
voava. Extasiado, sem asas,
voava, a meio caminho entre a terra
e o céu, voava na luz
das campinas iluminadas em sonho.*

L'istante

(A Casarsa nel '29)

*... .. La ruta, il rosmarino,
gl'iridescenti spettri delle rose,
incarnano nell'aria una fragranza
angelica. Nell'orto io e il compagno
ci torturiamo a cogliere l'istante,
il magico confine in cui il giorno
si fa sera.*

O instante

(Em Casarsa, em 1929)

*... .. A arruda, o rosmarinho,
os iridescentes espectros das rosas
encarnam no ar uma fragrância
angélica. Na horta, eu e o companheiro
nos torturamos para colher o instante,
o mágico limiar do dia que
noite vira.*

I due figli

(A Sacile nel '29)

*Guido e io sediamo al tavolino
di ferro verde, instabile. (Mio padre
e mia madre da un colpevole rancore
nella sera festiva non disarmano.)
Noi due li guardiamo, disperati.*

*Ma nel cuore c'è e posto per la gioia
ancora! È il gelato nella coppa
bruna che si fonde con le note*

*notturme della banda... Ed ecco il cielo
di cupa seta solca un verde bolide.*

Os dois filhos

(Em Sacile, em 1929)

*Guido e eu sentados à mesinha
de ferro verde, instável (Meu pai
e minha mãe de um culpado rancor
na noite festiva não se desarmam.)
Nos dois olhamos, desesperados.*

*Mas no coração ainda a alegria
mora! E o sorvete na taça
escura se funde com as notas
noturnas da banda... E eis que o céu
de negro cetim sulca um verde bólido.*

La primula

(A Sacile nel '29)

*Mia madre quasi giovanetta, china
sopra il Livenza, raccoglie la primula
eretta, estranea... I Mori della torre
rintoccano nell'aria pura
l'ora meridiana... E il fresco peso
della mia camiciola di fanciullo,
la nube indefinita nell'azzurro,
l'odore, come un urlo silenzioso,
dei campi impubi...*

A primula

(Em Sacile, em 1929)

*Minha mãe quase mocinha, debruçada
no Livenza, a colher a primula
ereta, estranha... Os Mouros da torre
a replicar no ar puro
a hora meridiana... E o fresco peso
de minha vestimenta de criança,
a nuvem indefinida no azul,
o cheiro, um grito silencioso,
dos campos impúberes...*

Ricordi di collegio di mia madre

(A Idria nel '30)

*Il Natisone, la dolce istitutrice...
Tra i fiordalisi le farfalle lilla,
e tra i cardi, accarezano l'estate.*

Lembranças do colégio de minha mãe

(Em Idria, em 1930)

*O Natisone, a doce preceptora...
Entre as flores-de-lis, as borboletas lilases,*

e entre os cardos, acariciam o verão.

*Via degli amori
(A Idria nel '30)
Sulla mia gota di fanciullo pesa
agghiacciata e tiepida la foglia
dei profumi autunnali.*

*Via dos amores
(Em Idria, em 1930)
Em minha face de menino pesa
enregelada e tépida a folha
de perfumes outonais.*

*Fatati
(A Sacile nel '31)
..... Parlano di fatti
a me ignoti: un'amica, un borsellino...
Ecco, so che ha un fratello, me li immagino
sui loro letti... Sto ad udire torbido
quel colloquio e dolente mi si imprime
nella mente. Fatati, il cognome
del ragazzo.*

*Fatati
(Em Sacile, em 1931)
..... Falam de coisas
que desconheço: uma amiga, uma carteira...
Pronto, sei que tem um irmão, os imagino
em suas camas... Fico ouvindo, turvo
aquele colóquio e dolente em minha mente
se imprime. Fatati, o sobrenome
do rapaz.*

*Tra gli steli d'erba rosa
(A Sacile nel '32)
Ecco il ponte e più indietro il terrapieno
dove gli urti dei convogli e i fischi
arpeggiavano tiepidi sul prato.
Lì, lontani dagli occhi di mia madre,
e immersi tra gli steli d'erba rosa
io e Beppino abbracciati...*

*Em meio a hastes de rósea grama
(Em Sacile, em 1932)
Eis a ponte e mais atrás o terraplano
onde os choques dos comboios e os apitos
harpeavam tépidos sobre o prado.
Lá, longe dos olhos de minha mãe,
e em meio a hastes de rósea grama*

eu e Beppino abraçados...

Fino all'ora di cena

(A Sacile nel '32)

*Da pochi giorni vivo nella casa
di Sacile presso la Chiesa. Scendo
annoiato ed ecco... una bambina,
con un tísico sguardo, sul selciato
ormai quasi notturno. Si avvicina.
(Sento ancora il tonfo della palla
nel nostro gioco spinto fino all'ora
di cena... e le rare parole... e il vile
suo rispetto pel fanciullo agiato...)*

Até a hora do jantar

(Em Sacile, em 1932)

*Há poucos dias vivo na casa
de Sacile, perto da Igreja. Desço
entediado, e eis... uma menina
de olhar tísico, no empedrado
já quase noturno. Se aproxima.
(Ouço ainda o baque da bola
no jogo prolongado até a hora
do jantar... e as raras palavras... e o vil
respeito dela pelo menino abastado...)*

Un'avventura

(A Sacile nel '32)

*Fu in fondo alla scarpata presso il fresco
tenebroso, verdissimo Livenza.
In una grotta tra immondizie e marcia
verdura (udivo il pallido frastuono
del Mercato) io ero prigioniero
e un ambiguo sgomento mi agghiacciava:
la fierezza e una languida vergogna
di fronte a quei fanciulli prepotenti
(vento salato d'un felice mare...).*
*Ma essi, i laceri, i volgari, un riso
amico mi volgevano, onorando
le mie vesti decenti, il mio coraggio.*

Uma aventura

(Em Sacile, em 1932)

*Foi no fundo da escarpa perto do fresco
tenebroso, verdissimo Livenza.
Numa gruta, entre imundícias e podre
verdura (ouvia o pálido alarido
do Mercado) eu era prisioneiro
e um ambiguo assombro me gelava:
a altivez e uma lânguida vergonha
diante de uns garotos prepotentes*

(vento salgado de venturoso mar...).
Mas eles, os rotos, os vulgares, um riso
amigo me devolviam, honrando
minhas vestes decentes, minha coragem.

Quattro cinque fanciulli
(A Sacile nel '32)
... Le catene della nera giostra
pendono contro il cielo profumato.
Lo spiazzo dietro l'abside (che chiude
un recinto sospeso sul dirupo
in fondo a cui un orrido Livenza
verdeggia) è vuoto. No... nell'ozio estivo
quattro cinque fanciulli radunati
sulla bruna erba ascoltano una voce.
"Nella città di Algeri... la bionda
fanciulla... il Tentatore", mentre leggo
ci spiamo i corpi supini all'ombra
dell'umida parete.

Quatro, cinco garotos
(Em Sacile, em 1932)
... As correntes do negro carrossel
pendem contra o céu perfumado.
O largo atrás da abside (que fecha
um recinto suspenso no abismo,
em seu fundo um horrído Livenza
verdejante) está vazio. Não... no ócio estival
quatro, cinco garotos reunidos
na escura relva escutam uma voz.
"Na cidade de Argel... a loira
mocinha... o Tentador", enquanto leio
espiamos nossos corpos supinos à sombra
da úmida parede.24

Rapporti poetici coi coetanei
(A Sacile nel '32)
Nella bianca ombra
del serbatoio ci torturiamo
con reciproci, vili sottintesi.
Sì, il gioco era espresso, tutto gioia,
ma bastava una pausa perché il loro
volto celasse adulte distrazioni.
E io (lo so ora!) ero tra essi
il più velato di dolenti ombre.

Relações poéticas com os coetâneos
(Em Sacile, em 1932)
Na branca sombra
da caixa-d'água nos torturamos
com recíprocos, vis subentendidos.

*Sim, o jogo era expresso, só alegria,
mas bastava uma pausa para que o rosto
deles ocultasse adultas distrações.
E eu (sei disso agora!) era entre eles
o mais velado por dolentes sombras.*



Sacile: a praça da Torre dos Mouros e o rio Livenza

*Partenza da Sacile
(A Sacile nel '32)
Il ragazzo piangente vuole imprimersi
nel cuore ciò che fugge indifferente
dietro a quella carrozza che già quasi
lo consola. E intanto egli intravede,
l'ultima volta!, il vetro verdecupo
del Livenza incresparsi sotto il ponte
in una pace odiosa.*

*Partida de Sacile
(Em Sacile, em 1932)
O garoto chorando quer imprimir
no coração o que fuge indifferente
atrás daquele vagão que já quase
o consola. Enquanto isso entrevê*

*pela última vez!, o vidro verde-escuro
do Livenza se encrespar sob a ponte
numa paz odiosa.*

*La neve profumata
(A Cremona nel '34)
Qui ha termine il viale, là rosseggia
la Baldesio, e, dietro, il grande Po
trascina nei suoi specchi il biondo cielo.*

*... Noi scendiamo
sulla stupenda neve, e il nostro passo
c'inebria; o vive Antartidi, o violato
suolo dell'Asia! (È con me un amico
che durante il cammino ho umiliato
umiliando suo padre). Ma ora affondo
il piede nella neve profumata.*

*A neve perfumada
(Em Cremona, em 1934)
Aqui finda a alameda, lá vermelha
a Baldesio, e, atrás, o grande Pó
arrasta em seus espelhos o áureo céu.*

*... Nós descemos
sobre a estupenda neve, e nosso passo
nos inebria; oh vivas Antártidas, oh violado
solo da Ásia! (Junto de mim um amigo
que ao longo do caminho humilhei
humilhando seu pai). Mas agora afundo
o pé na neve perfumada.*

*Caduta e redenzione
(A Scandiano nel '35)
Covo non so se voglie inappagate
sfibranti, o ingenui versi. I campi volano
dietro il finestrino donde un terreo
sole investe gli studenti che cantano.
Solo coi pugni chiusi sopra al grembo,
Tonio non guarda nulla col suo bruno
occhio e a quel gesto negligente
io mi torturo, e invidio la sua grazia
distratta... Ma certo torneremo
da Reggio verso sera, e i nostri giochi
echeggeranno umidi sul prato
del castello.*

*Queda e redenção
(Em Scandiano, em 1935)
Cultivo não sei se desejos insatisfeitos,
extenuantes ou ingênuos versos. Os campos voam*

*atrás da janela onde um térreo
sol investe os estudantes que cantam.
Só, de punhos cerrados sobre o ventre,
Tonio não olha nada com seu olhar
sombrio, e diante do gesto negligente
eu me torturo, e invejo sua graça
distráida... Mas, decerto, voltaremos
de Régio ao anoitecer, e ecoarão nossas
brincadeiras, úmidas na relva
do castelo.*

*Un sogno profetico
(A Bologna nel '36)
Il giovinetto si difende
con le giovani armi del suo riso. Io
spargo intorno profumo dal suo petto.*

*Um sonho profético
(Em Bolonha, em 1936)
O juvenzinho se defende
com as jovens armas de seu riso. Eu
espalho ao redor perfume de seu peito.*

*Giovinetto
(A Bologna nel '36)
Autunno o primavera? Siede solo
il ragazzo sopra il sofà consunto
del suo studio. La fredda, solatia
fanciullezza è una nuvola sospesa
su altre terre. Nel grigiore amico
legge assorto il ragazzo del Visconte
di Bragelonne... oh cielo, ha la sua età...
è un giovinetto anch'egli... gli si ombra
il seducente labbro!*

*Rapazinho
(Em Bolonha, em 1936)
Outono ou primavera? Sozinho,
o rapaz sentado no sofá gasto
do escritório. A fria, soalheira
juventude é uma nuvem suspensa
sobre outras terras. Na penumbra amiga
lê absorto o rapaz sobre o Visconde
de Bragelonne... oh céus, tem sua idade...
um rapazinho como ele... cobre uma sombra
seu lábio sedutor!25*

Em fins de 1942, a família Pasolini decide voltar para Casarsa, por causa da guerra. De lá, em janeiro de 1950, Pier Paolo e Susanna seguirão para Roma, deixando para trás os restos mortais de Guido, ceifado na luta *partisan*, e Carlo Alberto, que os alcançará mais tarde. E aí começa uma história bem mais conhecida.

Como citar: FABRIS, Mariarosaria. "Pier Paolo Pasolini: primeiros tempos". In "Revista de Literatura Italiana", v. 2, n. 6, jun. 2021. Disponível em: [tps://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224178](https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224178)

[1] Cf. SITI, Walter. "Pasolini, Pier Paolo". In: *Dizionario biografico degli italiani* – v. 81, 2014. Disponível em <treccani.it/enciclopedia/pier-paolo-pasolini_%28Dizionario-Biografico%29/>. Acesso: 31 maio 2020. O ramo Colussi do lado materno de Pasolini teria se originado da união entre a polonesa Susanna e o friulano Visens Colùs (Vincenzo Colussi), um soldado do exército napoleônico que participou da Campanha da Rússia (1812). A história é contada no poema "Il soldat de Napoleon", parte do ciclo "I Colussi", que integra a seção "Romancero" de *La meglio gioventù* (1954), coletânea de poesias em friulano escrita entre 1941 e 1953. Em sua versão italiana, "Il soldato di Napoleone" foi musicada por Sergio Endrigo e inserida em *Endrigo* (1962), seu primeiro *long-play*. Segundo o site <www.musicameccanica.it/antologia_soldato_napoleone.htm>, acessado em 5 jun. 2020, a antepassada polonesa seria de religião hebraica.

[2] PASOLINI, Pier Paolo. *Il sogno del centauro*. Roma: Editori Riuniti, 1983, p. 19. As traduções do italiano são da autora do texto.

[3] PASOLINI, Pier Paolo. "Il treno di Casarsa". In: *Album Pasolini*. Milão: Mondadori, 2005, p. 40, 42.

[4] BALBI, Mathias. *Pasolini, Sade e la pittura*. Alessandria: Edizioni Falsopiano, 2012, p. 50 [recurso eletrônico].

[5] Cf. NALDINI, Nico. "Cronologia". In: PASOLINI, Pier Paolo. *Per il cinema*. 2 v. Milão: Mondadori, 2001, v. I, p. L.

[6] apud: NALDINI, Nico. "Cronologia", cit., p. LIII.

[7] Cf. ZANZOTTO, Andrea; NALDINI, Nico (org.). *Pasolini poesie e pagine ritrovate*. Roma: Lato Side Editori, 1980, p. 10, 13. Fragmentos do diário foram publicados no volume citado anteriormente, em *Pasolini, una vita* (1989), de Nico Naldini, e na "Cronologia" presente nas edições da Mondadori, como assinalado na nota 5.

[8] PASOLINI, Pier Paolo. "L'Italia. Capitolo II". In: *L'usignolo della Chiesa cattolica*. Turim: Einaudi, 1976, p. 91.

[9] Esses versos integram o projeto *Nouvelle Flâneries*, de Ettore Favini, o qual, em 29 de setembro de 2019, instalou oito placas em prédios históricos de Parma, com textos de autores que escreveram sobre a cidade. Cf. RONCHI, Giulia. "Parma raccontata dai grandi della letteratura. Nouvelle Flâneries, il progetto di Ettore Favini" (15 out. 2019). Disponível em <<https://www.artribune.com/arti-visive/arte-contemporanea/2019/10/parma-grandi-letteratura-nouvelle-flaneries-progetto-ettore-favini/>>. Acesso: 31 maio 2020.

[10] apud: NALDINI, Nico. "Cronologia", cit., p. L.

[11] Como muitas crianças italianas e filho de um militar nacionalista, Pier Paolo também foi *balilla*, isto é, engrossou as fileiras da *Opera Nazionale Balilla*, organização fascista para garotos entre os oito e os catorze anos. Isso, no entanto, não teve maiores implicações ideológicas: "Nasci em 1922. Logo não conheci o Fascismo do mesmo modo que a geração anterior. Aceitava ingenuamente a sociedade fascista em que vivia, imaginando apenas que pudesse existir outra. [...] Minha reação ao Fascismo se manifestou [...] por meio de uma paixão por toda a cultura a respeito da qual ele silenciava. [...] Assim, mais do que o Fascismo violento, o dos cassetetes e dos assassinatos políticos, foi antes o Fascismo estúpido e inculto o que descobri primeiro. Mais cultural do que político era, portanto, meu antifascismo de adolescente". PASOLINI, Pier Paolo. *Il sogno del centauro*, cit., p. 26.

[12] PASOLINI, Pier Paolo. "Il treno di Casarsa", cit., p. 35.

[13] Banhada pelo rio Natisone, Idria, desde 1947, faz parte da Eslovênia e denomina-se Idrija.

[14] Pasolini, Pier Paolo. "Il treno di Casarsa", cit., p. 37.

[15] apud: NALDINI, Nico. "Cronologia", cit., p. LIII.

[16] apud: NALDINI, Nico. "Cronologia", cit., p. LIV.

[17] Cf. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*), foi escrito entre 1905 (primeira versão) e 1925 (sexta edição). Traduzido pela primeira vez em italiano em 1921 (provavelmente a partir da quarta versão de 1920), circulava numa edição universitária semiclandestina, porque Freud era um dos autores proibidos pelo regime fascista.

[18] Cf. BARBATO, Alessandro. *L'alternativa fantasma. Pasolini e Leiris: percorsi antropologici*. Padova: libreriauniversitaria.it, 2010, p. 80 [recurso eletrônico].

[18] apud: NALDINI, Nico. "Cronologia", cit., p. LIV.

[19] BARBATO, Alessandro, cit., p. 78.

[20] apud: "Portico della Morte – Libreria Nanni". Disponível em <www.bibliotecasalaborsa.it/content/mappascrittori/luoghi/portico_della_morte> Acesso: 6 jun. 2020. Onde, desde 1881, é a sede do Museu Cívico Arqueológico, antes havia o Hospital de Santa Maria da Morte, fundado no século XV. Em 1825, no

chamado Pórtico da Morte, foi aberta uma livraria, adquirida por Arnaldo Nanni, em 1928. Este resolveu dotá-la de pequenas bancas como as dos *bouquinistes* de Paris. Nelas, além das obras de Fiódor Dostoiévki e William Shakespeare, Pasolini adquire também edições econômicas de Liev Tolstói, S. T. Coleridge e Novalis. Cf. NALDINI, Nico. “Cronologia”, cit., p. LIV.

[21] apud: NALDINI, Nico. “Cronologia”, cit., p. LIV. O poeta e jornalista Antonio Rinaldi, na época publicou o livro de poesias *La valletta* (1938). Amigo do escritor Giorgio Bassani, na Faculdade de Letras de Bolonha havia sido aluno de Roberto Longhi e Giorgio Morandi. O poema de Rimbaud e sua versão em português podem ser lidos em “O barco ébrio / Le bateau ivre”. *Outra travessia*. Florianópolis, n. 15, 2015, p. 57-59 [recurso eletrônico].

[22] BARBATO, Alessandro, cit., p. 79. Cf. NALDINI, Nico. “Cronologia”, cit., p. LIV, LVII.

[23] PASOLINI, Pier Paolo. “Via degli amori”. In: *Album Pasolini*, cit., p. 5, 6, 9, 10, 12, 13, 15, 18, 21, 24, 25, 28. A coletânea de versos *Via degli amori* (1946), inédita na época, passou a integrar o volume que reúne a lírica pasoliniana: *Bestemmia. Tutte le poesie* (Milão: Garzanti, 1993).

[24] Trata-se provavelmente da leitura de *Le pantere di Algeri* (*As panteras da Argélia*, 1903), de Emilio Salgari, cujos romances de aventura encantavam o jovem Pier Paolo.

[25] O livro citado é *Il visconte di Bragelonne*, versão italiana de *Le vicomte de Bragelonne* (*O visconde de Bragelonne*, 1847), terceiro e último romance da saga de d’Artagnan e dos três mosqueteiros de Alexandre Dumas, pai.